

RESGATE DA ARGENTINA

Ex-amante de militar iria morrer em 79

Em 1979, policiais civis gaúchos, a pedido de militares argentinos, tentaram seqüestrar duas argentinas em Uruguiana. Elas tinham sido amantes de militares argentinos e seriam eliminadas por saber demais sobre massacres de presos políticos. Os seqüestradores só conseguiram levar uma delas, porque a outra, Margarita Mengol Villas de Moroz, foi salva pelo delegado José Antônio Hahn. Dois policiais civis gaúchos foram presos por envolvimento no seqüestro e condenados pela Justiça. Cristina Gloria Fiori foi levada para a Argentina e lá desapareceu.

Durante as investigações, Hahn recebeu telefonema do major Pivato, da 2ª seção do Regimento da Brigada de Cavalaria, em Alegrete, que queria detalhes da história. No outro dia, o comandante da unidade, general Everaldo Reis, o chamou ao quartel e lhe disse: "Delegado, o senhor fez o que tinha de fazer. Mas, agora, como é que fica se tivermos que, no futuro, fazer operações veladas?". Hahn desconversou, alegando desconhecer o que eram operações veladas.

Algum tempo depois, Hahn recebeu um cartão de Margarita, enviado de Palma de Majorca, Espanha, em que agradecia por ter salvo sua vida. O episódio das argentinas ocorreu um ano após o seqüestro, em Porto Alegre, dos uruguaios Lilian Celiberti e Universindo Diaz (membros do Partido da Vitória do Povo), por militares uruguaios e policiais do Dops estadual.

Embora não estivesse na capital gaúcha quando ocorreu o seqüestro dos uruguaios, Hahn garante que os policiais *Didi Pedalada* e Irno Rosa (condenados em primeira instância pelo seqüestro) não teriam condições de organizar a operação, que necessariamente "partiu de pessoas de escalão bem superior, até superior ao escalão policial. Uma operação de governo a governo, necessariamente".